



A queda vertiginosa do dólar agitou os corretores japoneses

Dólar despenca em Frankfurt e tem baixa recorde em Tóquio

Tóquio e Frankfurt — Os bancos centrais da Alemanha Ocidental e do Japão foram impotentes para deter a rápida e contínua desvalorização do dólar nos mercados cambiais. Ontem, o dólar atingiu em Tóquio sua cotação mais baixa desde a Segunda Guerra Mundial, chegando a ser vendido a 149,98 ienes. Em Frankfurt, a moeda americana chegou a seu nível mais baixo em mais de seis anos, sendo cotada a 1,8040 marcos alemães.

A moeda americana, já combalida pelo descrédito da economia dos Estados Unidos, pela crise Irácontras e pela omissão do próprio governo de Washington, que vê com bons olhos a desvalorização do dólar, sofreu neste fim de semana novos estímulos com o noticiário de que a Casa Branca quer ver o dólar mais baixo ainda.

No sábado, o *Washington Post* publicou entrevista do presidente do Comitê de Finanças do Senado, senador Lloyd Bentsen, afirmando que o dólar deveria chegar até 120 ou 125 ienes. É ontem a nova edição da revista *Newsweek* fala que o limite que o Departamento de Tesouro deseja para sua moeda é de 140 ienes e 1,70 marcos.

Em Tóquio, o dólar abriu a 151,85 ienes, dois ienes abaixo do fechamento de sexta-feira, que

ficou em 153,1 ienes, e na primeira hora de negócios flutuou entre 150,95 e 151,90 ienes. O Banco Central entrou firme no mercado — comprando dólares, mas a avidez dos negociantes foi maior e no meio do dia a moeda americana chegou ao recorde de 149,98 ienes. A média do dia ficou em 151,00 ienes, segundo o banco central. Ao todo, foram negociados 1,65 bilhão de dólares.

Em Frankfurt, o dólar começou a 1,81 marcos, alcançando o nível mais baixo em 1,8040, e fechando a 1,8115 marcos. Reflexos imediatos foram sentidos na Bolsa de Valores da cidade, onde os corretores, temerosos de que os exportadores alemães não consigam resistir ao dólar fraco, fizeram baixar as cotações das principais ações.

O presidente do Bundesbank (o banco central alemão), Karl Otto Pochl, advertiu que a queda livre do dólar traz como sérias ameaças o risco de inflação nos Estados Unidos e diminuição do crescimento econômico no Japão e na Alemanha Ocidental. Mas corretores europeus ouvidos pela agência Reuters afirmam que chegou-se a um ponto em que não há retórica, políticas de crédito ou intervenções de bancos centrais que possam competir com as forças de mercado.